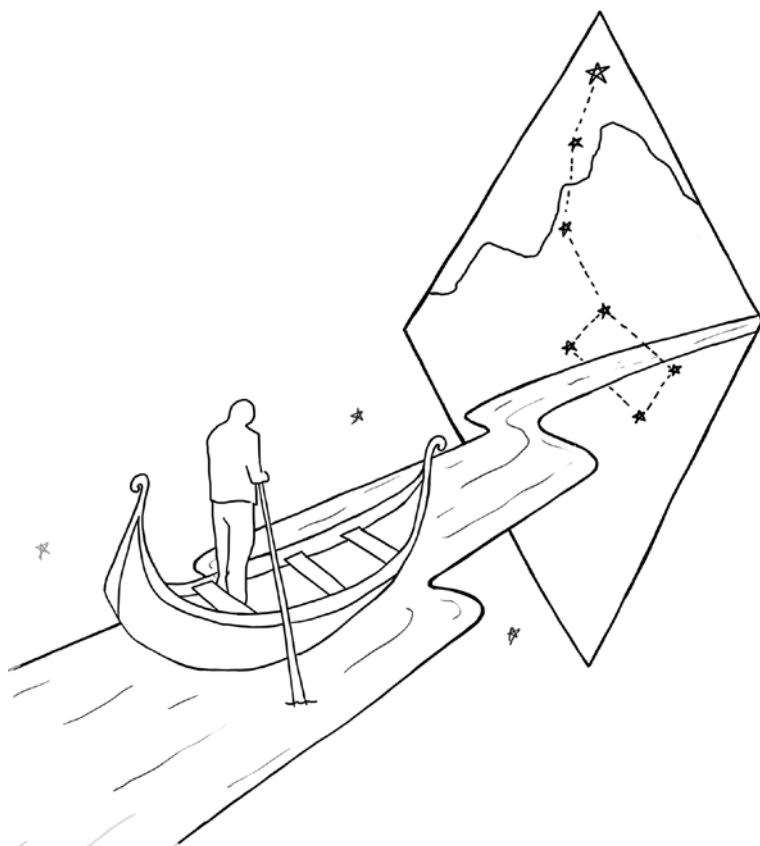


Do Aqueronte ao Norte



© Copyright 2018 by editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Diagramação

Joselito Miranda

Editoração

Editora ArtNer Comunicação

Capa

Amanda Pinto Dantas de Santana

Impressão

Infographics Gráfica e Editora

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Ficha Catalográfica

	Walttemberg, Suênio.
W231a	Do Aqueronte ao Norte. / Suênio Walttemberg. - Aracaju: ArtNer Comunicação, 2018.
	74p.: il
	ISBN: 978-85-69567-30-1
	1.Literatura Sergipana -Poesia 2. Poesia Sergipana
	I - Título
	CDU: 821.134.3(813.7) -1

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744

<http://artner.com.br/> • joselitomkt@hotmail.com

Suênio Waltemberg

Do Aqueronte ao Norte



Aracaju-SE

ArtNer^{EDITORA}
Comunicação

2018



O Poeta, a passagem e a estação

(Prefácio)

Claudefranklin Monteiro Santos

O destino do ser humano, ainda que limitado e perene, assim como o rio, é verter-se sobre um itinerário e buscar um sentido. As águas da existência se movem entre tramas e dramas. Fugindo da morte ou a vencendo, não consegue evitar seu encontro com o timoneiro do além.

Região fronteira, a arte é o limiar do trottoir entre a vida e a morte. Renitente e sufocada pela matéria, a alma se encontra no porto à procura de seu aporte. Entre a eternidade e a efemeridade: uma ode à poesia, suas rimas e combinações arbitrárias. Vértice da inquietação, ela assume a essência e seu exímio lugar.

Sob o balanço inspirador da figura paterna, gerou-se um poeta. Em seus ouvidos, a melodia viniciiana, ninado pelo colo da mãe. Num mundo secreto, ELE descobriu que os versos e as estrofes se escondem, esperando a coleta criativa. No torpor fulgurante da pena, um neófito escritor.

Divido em quatro sessões (o unicórnio, o último, o Aqueronte e o incenso), o livro do Confrade Suênio Walttemberg nos insere em um universo poético denso e instigante. Um lugar onde o efêmero cede espaço para o sagrado e para inanimado (e mesmo, fantástico), entorpecido por versos incrivelmente delirantes.

Chama a atenção a consciência poética do autor, ora definindo seu amálgama conceitual, ora tão somente a tecendo

com uma salutar liberdade. Desprovido de pudores, destila palavras como o ourives ao ouro, transportando seu leitor ao limbo e para além dele.

Aqueronte, certamente, em todo o livro, conduz o jovem poeta a deslizar sobre o fio da navalha poética, arriscando-se e até se lançando na ousada e legítima liberdade de tecer, alinhar e a até descosturar, remendar e dar um nó.

Sem mais delongas, convido você, curioso ou cético, com má vontade ou de postura inquiridora, ávido por novidades ou desconfiadas delas, modernos e pós-modernos, a convergir-se nessa seara, também você, carente de um norte.



Apresentação

A verdade é que não lembro do primeiro poema que fiz. Lembro de, quando criança, começar a imitar meu pai, que lia com semblante terno e concentrado deitado numa rede até pegar no sono e dormir, deixando cair páginas amareladas sobre seu rosto, sem muito respeito à sinusite latente.

Lembro da primeira metalinguagem que fiz. Emprestada de uma tarefa de sala de aula: escrever uma paródia de um poema trazido e escrito pelo próprio professor.

Lembro quando minha mãe cantava as borboletas de Vinícius e levava lanche para o nosso natimorto (no ensino fundamental) grupo de poesia “7 por 1”, cujo maior fruto, sem dúvida, foi ter feito o bully da escola descarregar, por um tempo, apenas no papel seus sentimentos.

Lembro de me dar conta em uma certa noite que os poetas usam as palavras como se possuíssem um campo semântico próprio e, aparentemente, secreto, guardado pelos membros do mesmo movimento literário, ou ainda, por gerações de diferença, quando bebem de uma fonte em comum, quase como um filho que imita o pai.

Lembro de imaginar a poesia como uma entidade que verdadeiramente paira, apossa e empossa a alma de cada um: muito além da linguagem, cada ser humano possui A Poesia e A Poesia a todos contem, se expressando de forma própria e com várias personas.

É a partir desse delírio poético que os poemas a seguir foram escolhidos e agrupados de forma intuitiva, conforme versam e rimam sobre cada tom que a vida é capaz de vibrar,

escritos em vários paradigmas e por vários personagens que eu costumava imaginar, muitos deles criados apenas para esse fim: a história da minha busca pessoal que parte do Aqueronte e pretende chegar ao Norte.

Suênio Walttemberg



Sumário

O Unicórnio	11
Miras de Alma.....	13
Ode ao palhaço bêbado	15
Missdirection	16
Psiquiatria dos Normais.....	17
The Melody	19
A cada cada	21
Elas-lírico.....	23
Supernova	24
Diretas.....	25
Do tamanho das cores.....	26
O Último	29
Ius	31
Vampiro Particular	33
Lambrusco	34
Improvável.....	35
Saudade.....	37
Outra poesia.....	38
Contrario sensu.....	39
Furto	40
Ser ou não ser	41
Paciência	42

O Aqueronte	43
Bom dia	45
Pedestal.....	47
Pedestal II.....	48
A Alma Alegre	49
Fática	50
Requiescat In Pace.....	51
A Sombra	53
Ao mal do século	54
Confissão.....	55
O Naufrágio.....	56
O Incenso	57
O início, A Poesia.....	59
A Inspiração.....	61
O Norte	62
O Tribunal de Osíris	64
De novo.....	66
A razão de viver	68
Roxo Malte.....	70
Compaixão	71
Frugalidade.....	73
Humildade.....	74

O Unicórnio





Miras de Alma

Quando chega a noite na cidade
conta-se mais luzes que preces,
os humanos irradiam com facilidade
a religião de sua própria quermesse

E em cada olhar eu vejo miras de alma:
a sagacidade de cada lágrima
que se forma em tom soturno
antes de faísca alguma
trema em tal céu noturno

Há ruído nas tabernas e faróis,
mas as miras de alma conversam
no mais baixo tom de voz

Contam toda mentira e toda verdade
que nesta vida se possa crer
apenas para que durem outra metade,
eternamente, até, logo, logo, o sol nascer

Ali, a vontade parece
uma crença qualquer, isto é,
um desencargo de cada mente
para o corpo agir como quiser

Suscitar isso, talvez fosse solução,
mas não, seria inócuo, afinal,
embora verdade, não se mentiria,
afinal, da alma, o que se afirmaria?

Se afirmaria apenas que a poesia nasce
na mesma velocidade dos olhos
que checam o mundo e dizem “surreal”
ao formarem sua cor,
e na mesma fragilidade da vida que,
ao que tudo parece,
tem um divino senso de humor

Ode ao palhaço bêbado

Âmbito trágico, sua dramaturgia
falqueia a floresta do juízo humano:
“Você pode até matar todos unicórnios,
realitano, mas não ousará a fantasia!”

Brumas densas fluem nas artérias, veias,
misturadas com o absinto da pura canção.
Mesmo diluindo, pede uma pinga e meia
que é para renovar o fluxo no coração

E dançando e rodando e pulando e cantando
pede mais três taças de vinho e purpurina:
“Tinta, que branca me lembra de bailarinos
brilhando num baile de Beltane bailando”

Agora você vê, agora não vê mais:
o que pensa que jamais poderia ser
não é o que é, é o que você desejava ver,
e o que se viu, num passe de mágica, se desfaz

Missdirection

Quando minh'alma leve-torta-fluida embaça
o espelho impértube-eterno,
ele tenta refletir a ilusão
de que essa minh'alma,
agora escassa,
quer transparecer o irreal
dos translúcidos sonhos,
e, logo, penso para mim mesmo:

“Mas o que vê não é sonho!
É um real projetado sutilmente.
O que pensas que pensas,
faz sentir o que sentes”
E aceito, por hora, sem ser tão enfadonho

“Sinta o âmbito das cartas
que milagrosamente embaralho.
Não traga cruces, prata,
não traga alho

Apenas veja quem vem voando

Atente-se à taça que derrama a fuga:
ouça a razão em agonia, embora muda,
e mesmo com a lógica em autofagia,
beba do orvalho eterno da magia”